



PIBID NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS PESQUISADORAS E OS DESAFIOS DA PRÁTICA REFLEXIVA DA SALA DE AULA

Ana Elisa Araújo Maia-1

Rosilene Pereira Nunes-2

1-Universidade Federal de Viçosa

2-Escola Municipal Professor Pedro Gomide Filho

Esse trabalho tem como objetivo mostrar a atuação das bolsistas do PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência e as contribuições deste projeto para a formação de professoras pesquisadoras e como estas podem influenciar na prática reflexiva da sala de aula. Dentre outros o PIBID tem por objetivo, valorizar o magistério, apoiar estudantes de licenciatura plena, inserindo-os no cotidiano de escolas da rede pública de Educação. Outro ponto importante é a formação de professores pesquisadores. É essencial pensar que ensinar exige pesquisa, sendo que esta faz parte da natureza da prática docente, juntamente com a busca e a indagação. Segundo Freire (1996), “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro”. Para tanto, procuramos conhecer a realidade da escola, e, a partir dos Indicadores da Qualidade na Educação, do MEC, realizar a avaliação referente à dimensão Ensino e Aprendizagem da leitura e da escrita, na escola de atuação do Pibid. A referida escola atende 289 alunos, distribuídos em 14 turmas de alunos da pré-escola (78) e dos anos iniciais do Ensino Fundamental (211). Iniciamos nossa investigação procurando entender a história das escolas e diagnosticando o nível de aprendizagem das crianças, o que nos permitiu identificar os principais problemas de cada turma de aluno. A partir dos dados avaliados, elaboramos uma proposta de intervenção e organizamos atividades diversas, com a intenção de garantir que os alunos aprendam e superem suas dificuldades. Tal empreendimento nos exigiu realizar discussões com o coletivo da escola. Organizamos o Ciclo de Estudos do Pibid-Pedagogia para expandir os referenciais teóricos e culturais das bolsistas. Ao iniciar o trabalho na escola, constatamos a ausência de aulas de Educação Física, de atividades corporais e lúdicas para os alunos. Organizamos juntamente com a direção da escola horários para realização de atividades recreativas e percebemos que houve significativas mudanças tanto na área cognitiva quanto social e afetiva. É

importante ressaltar que após a realização das atividades recreativas os alunos ficavam muito mais calmos e concentrados, nas atividades de sala de aula. Além disso, a indisciplina na turma teve uma melhora significativa. De acordo com Preiss Friedrich e Gerhard Preiss (2006), “durante uma breve pausa ou uma brincadeira relaxada, o cérebro infantil poderá armazenar a matéria ensinada sem ser perturbado.” Os jogos, as brincadeiras podem ser considerados atividades complexas que exercitam o cérebro, levando as crianças à concentração e a capacidade de inventar saídas para novas situações. Outro aspecto importante que é necessário ressaltar é como ocorria a avaliação nos anos iniciais. Durante as observações nas classes do primeiro ano do ensino fundamental constatamos que as docentes avaliavam seus alunos através de provas formais, sendo que para cada matéria havia uma prova com em torno de quatro páginas. Percebemos também que os alunos ficavam muito cansados e desinteressados e acabavam que os objetivos reais das avaliações, que é melhorar o processo ensino-aprendizagem, não eram alcançados. Segundo Santanna (1995) a avaliação possui algumas funções como, por exemplo, fornecer bases para o planejamento, facilitar o diagnóstico, melhorar a aprendizagem e o ensino, estabelecer situações individuais de aprendizagem, dentre outros. É de grande valia ressaltarmos que a avaliação não se dá apenas no aspecto formal, ela possui também um aspecto informal, ou seja, quando se evidencia em sua dependência aos objetivos implícitos, as normas intuitivas e julgamentos subjetivos. É necessário que a avaliação seja contínua e processual, advindas de observações e anotações diárias, a fim de acompanhar o desenvolvimento de cada criança e ter subsídios para refletir sobre possíveis intervenções. Observamos na prática docente das professoras que a avaliação foi na maioria das vezes baseada em testes e provas, as quais consideramos necessárias, mas não a única forma de avaliar a aprendizagem. Entendemos que os seres humanos são dotados de diver-

sas inteligências e precisa ser considerado de forma integral e avaliado de diversas formas. Percebemos também dentro da sala de aula que muitas vezes as professoras não realizavam um planejamento de suas aulas, sendo a prática espontânea o norte de suas atividades. As professoras, na maioria das vezes, não viam necessidade de planejar uma vez que elas já lecionavam há muito tempo em um mesmo ano e diziam que a teoria e a prática são muito distantes. Além disso, alegavam ser muito diferente o que estudamos no curso de Pedagogia com a realidade da sala de aula. “Assim, ao contrário do senso comum, podemos dizer que na prática, a teoria é aquela que assimilamos, ainda que não seja aquela que desejaríamos.” Vasconcellos (2000) Como dizia Paulo Freire (1996): nada mais prático do que uma boa teoria. Teorizar é iluminar a ação, é apreender o movimento real, portanto, algo por essência relacionado à prática. Diante desses fatos as bolsistas do PIBID procuraram sempre planejar de fato suas atividades e nunca chegaram à escola sem um planejamento, considerando isto uma falta de profissionalismo, além de ser um desrespeito com as próprias crianças. Desta forma, notamos que as professoras começaram a entender a importância do planejamento e começaram a mudar aos poucos a forma de planejar suas atividades. Outro desafio que é importante ressaltar é a dificuldade de aprendizagem. O aprender é um processo pessoal, que ocorre desde o nascimento, desenvolve-se gradualmente de acordo com o ritmo de cada um, observando as condições físicas, psicológicas, ambientais e sociais favoráveis. Segundo Soares (2007, p.693), “A aprendizagem que ocorre pelas relações estabelecidas com o mundo, é denominada informal e, de forma planejada previamente, formal”. De acordo com Zanella (2011), o ser humano aprende em qualquer etapa, situação ou momento de sua vida, modificando a si mesmo e ao mundo. Existem ainda, algumas condições físicas, psicológicas, ambientais e sociais que favorecem ou inibem o processo de aprendizagem. Na escola pesquisada, as crianças que tinham um atendimento individualizado pelas bolsistas do PIBID, a maioria delas, possuíam um histórico escolar que estigmatizava o aluno por ter certas dificuldades de aprendizagem, inibindo assim o processo de ensino-aprendizagem. Assim, o trabalho que era feito pelas bolsistas era muito mais do que o simples ato de ensinar conteúdos, era necessário ser feito um trabalho com a autoestima, desequilíbrio emocional, dentre outros, para que as crianças tivessem uma aprendizagem efetiva. Este foi então, um grande desafio enfrentado por nós bolsistas, sendo necessário assim, que criássemos diversas

estratégias de ensino que oportunizasse o aprendiz vislumbrar o verdadeiro significado de tudo que era proposto. Podemos ver algumas falas contidas no caderno de campo que presenciamos antes e depois do trabalho realizado: “Ah! Não! eu não sei ler não, eu sou burro mesmo, pergunta para tia B para você ver.” Aluno F (1º ano) “Eu estou aprendendo a ler, estou tia? Agora estou ficando inteligente.” Aluna V (1º ano) Outro desafio encontrado foi à relação professor regente e os alunos com dificuldades de aprendizagem, pois ao pensarmos a aprendizagem na situação de sala de aula, percebemos que existe um repertório do aprender humano em que hábitos e atitudes podem ser positivas ou negativas, em decorrência da relação professor aluno. Muitas vezes, vivenciamos situações em que o professor (a) subestimava a capacidade de alguns alunos com dificuldades de aprendizagem, de aprender, reservando a eles um lugar no fundo da sala sem dar a atenção necessária a estes que eram taxados como incapazes. Podemos perceber isto em alguns casos que foram registrados no caderno de campo: “Este aluno não vai aprender nunca nem adianta você insistir. É melhor você pegar outro aluno para dar oficina de atividades para não perder seu tempo.” (Professora A) “Coitado este não tem futuro nenhum, Deus que me perdoe, mas vai acabar é mexendo com coisa errada.” (Professora F) “Eu não vou resolver o problema dele então eu não vou ficar esquentando a cabeça pelejando em ensinar.” (Professora G) Assim, os alunos ficavam desacreditados em sua capacidade de aprender dificultando ainda mais o trabalho realizado pelas bolsistas. Como sabemos a família também influencia no processo de ensino-aprendizado do educando, deste modo notamos o esforço das bolsistas em tentar entender melhor as famílias dos alunos com dificuldades de aprendizado, realizando assim um estudo de caso de cada um destes. Segundo Meira (2003), que entende a aprendizagem como um processo de vínculo entre ensinante e aprendiz, a família, como parte integrante da sociedade, é também responsável por este ato, uma vez que os pais são os primeiros a educar. Neste sentido, todas as famílias, com seus diferentes níveis sócio-econômico-culturais, são responsáveis em construir um ambiente educador. Mas, o que na maioria das vezes as bolsistas encontravam eram famílias que não se importavam com a construção deste ambiente e que tinham problemas como separação de casais, drogas, crimes, violência, desemprego, dentre outros fatores que mexiam muito com a cabeça das crianças e conseqüentemente atrapalhava a relação de ensino-aprendizagem. Assim, devido a todos estes desafios que

encontramos nesta relação percebemos que a dificuldade de aprendizagem deve ser compreendida como resultado da influência de muitas variáveis que interferem no processo de aprendizagem, destacando-se a escola em suas relações entre ensinar e aprender, a família, a sociedade em geral, assim como, as percepções e expectativas de professores em relação ao desempenho de alunos com padrões culturais diferentes daqueles que serão transmitidos pela escola. Partindo desses fatores, podemos concluir o PIBID contribuiu significativamente para a superação de alguns desafios presentes no ambiente escolar, uma vez que as bolsistas refletem e pesquisam sobre sua prática, sendo que os estudos realizados tem sido de fundamental importância para compreender a realidade escolar e seus desafios, além de acreditarem que todos os alunos são capazes de aprender.

Área: Pedagogia

Palavras-chave: PIBID; Formação de Professores; Prática reflexiva